

EXISTENCIALISMO SEGUNDO SARTRE

Rosa Alice Caubet *

Numa leitura atenta do primeiro número de *Travessia* foi-nos dado mais uma vez sentir o grande risco que é entrar em contato com as idéias de um autor já interpretadas por outro e traduzidas por um terceiro.

No caso específico do artigo "Existencialismo e visão existencial no conto *O Ovo e a Galinha*, de Clarice Lispector", o problema aparece já de início com a afirmação de que "Sartre é o símbolo do existencialismo". Simone de Beauvoir cita (1) uma intervenção de Sartre num colóquio organizado pelas edições do Cerf, em que catalogaram o romance "*Le Sang des Autres* de existencialista: "Minha filosofia é uma filosofia da existência; o existencialismo não sei o que é". Nessa intervenção, ele se opõe ao mesmo tempo ao vulgar chavão explorado pela crítica sartreana nos anos de sua estréia, de que sua filosofia é "uma filosofia do absurdo e da angústia".

Respondendo a essa acusação, já em 1945 Sartre pronunciou uma conferência no "Club Maintenant": *L'Existencialisme est un Humanisme* (2) onde prova que sua filosofia visa antes de mais nada à compreensão dos homens, adotando essa etiqueta contra a qual lutara em vão, mas não sem antes deixar claro, nessa exposição muito didática, o que entendia ele por existencialismo. Apesar de certos momentos de pessimismo, Sartre nunca abandonou a idéia de que é possível ao homem dar um sentido à sua vida nesse mundo absurdo.

A afirmação de que "o homem condenado à liberdade é um outro aspecto do existencialismo" — referimo-nos ao artigo já citado de Cleusa T. Suiter de Aquino — nos deixou insatisfeita como leitora. Em que medida? O que significa liberdade para Sartre? Por que e de que maneira se vê o homem condenado a ela? Há soluções? Quais?

Por outro lado, o modelo de crítica literária proposto pelo Prof. Celestino Sachet, "não totalmente original", nos pareceu diretamente inspirado da AÇÃO segundo Sartre. "Ter, fazer e ser são as categorias cardinais da realidade humana". (*L'Etre et le Néant*, Paris, Gallimard, 1943, p. 485)

Em conseqüência, ciente de que *Travessia* está aberta especificamente à Literatura Brasileira, pareceu-nos no entanto pertinente apresentar, em linhas gerais, os princípios maiores da filosofia da existência segundo Jean Paul Sartre, tal como foi exposta por ele em sua obra filosófica já citada: *O Ser e o Nada*.

(1) *La Force des Choses*, Paris, Gallimard, 1963. Vol. I, p. 60.

(2) Publicado logo em seguida por Nagel, em Genebra, com pouquíssimas modificações.

* Professora Titular da UFSC.

1. LIBERDADE E DETERMINISMO

O existencialismo nada tem de um quietismo, para empregar as palavras do próprio Sartre. Muito pelo contrário, ele tem por base a própria ação (que discutiremos mais tarde), ação que por sua vez se estrutura na responsabilidade. O homem é o que ele quer se tornar, e nada é senão seus próprios atos. Ter, fazer e ser não só são as categorias cardinais da realidade humana, como abrangem todas as atitudes do homem. Ele escolhe pois, livremente o seu futuro, mas essa liberdade lhe é necessária: uma vez consciente da contingência biológica — sua capacidade de reprodução — o homem pode escolher entre se casar ou não, ter ou não filhos; em caso de guerra ele pode se alistar ou desertar, mas não pode deixar de escolher. Não escolher, já é escolher. (Cf. *L'Être et le Néant*).

Existem, evidentemente, as necessidades da História, o determinismo, a contingência — o que é dado ao homem desde o início: o "para-si". Além da herança puramente biológica, o homem pode nascer nas camadas sociais mais diversas, numa sociedade pagã ou cristã, num país de regime totalitário ou liberal, patrão ou escravo. "O que não varia é a necessidade para ele de estar no mundo, de nele trabalhar, de nele estar em meio a outros e de no mundo ser mortal" (*L'Existencialisme est un Humanisme* p. 68). Conclui-se daí que a escolha se faz numa situação dada e em relação a ela, e que obedece obrigatoriamente à relatividade de cada época. Nem por isso a escolha deixa de ser universal, porque "querendo a liberdade nós descobrimos que ela depende inteiramente da liberdade dos outros, e que a liberdade dos outros depende da nossa" (idem p. 83).

Sartre julga que, tendo suprimido Deus pai, é necessário enfrentar as coisas como elas são, e assumir as respectivas responsabilidades. Somos nós que damos sentido à nossa vida, que não tem nenhum, a priori, "pois a liberdade é existência, e a existência em si precede a essência". (*L'Être et le Néant*, p. 627). De qualquer maneira, "o existencialismo nunca tomará o homem como fim, pois ele está sempre por fazer" (*O Existencialismo é um Humanismo* p. 92). Portanto, se o homem é a soma de seus atos, ele pode modificar a sua imagem com atos que modificarão as conseqüências dos atos precedentes. Só a morte para esse processo. Sartre cita numerosas vezes uma frase de Malraux: "a morte muda a vida em destino". Mas somos vivos, e Sartre mostra pelo absurdo a importância da liberdade em nosso ser: encontramos-nos frente à nossa situação de homens.

"Assim, o passado é a totalidade sempre crescente do em-si que nós somos.

Entretanto, enquanto não estivermos mortos, não somos este em-si na situação de identidade. Nós temos a sê-lo" (*L'Être et le Néant*, p. 154).

Mas uma liberdade não engajada é uma falsa liberdade. É o que Verstraeten (3) chama de impossibilidade de uma "reconciliação coletiva". Um ato escolhido com liberdade será estéril enquanto não for total e definitivo, quer dizer, enquanto a finalidade desse ato não foi atingida. Alguns exemplos tornarão mais concreto esse pensamento: Oreste matou sua mãe e padrasto (*Les Mouches*) para liberar Argos. Mas a peça termina antes de se saber se algo mudou ou não na cidade, como conseqüência desse crime. Tal ato permanece estéril. Em *Les Mains*

Sales o ato do revolucionário é um ato da coletividade que, consciente da opressão que sofre decidiu suprimi-la, suprimindo o dirigente que lhes quer impor um estado de coisas indesejável, através de uma aliança que desagrada as altas esferas do Partido. É pois um ato engajado, que nos confronta com as necessidades da história, que nada mais são senão a parte de determinismo do ato. O revolucionário, no caso, só é o instrumento do assassinato, a arma do crime. Sua individualidade não conta. O ato, no segundo caso, obteve êxito, pois teve como consequência o desaparecimento de um estado de coisas existente e o restabelecimento do que deveria ser". (Nota (1), pp. 210 e 211). O revolucionário engaja a sua liberdade trabalhando entre os homens pela liberação dos homens. É a Liberdade, essa Liberdade que passa além da lei, "liberdade como fundamento e dissolução de toda lei" (Nota (3) p. 58).

É que para Sartre, nesse caso, o fim justifica os meios. O assassinato pode tornar-se um instrumento de liberação em certas condições. É que "a liberdade não é um poder abstrato qualquer de sobrevoar a condição humana; é o engajamento mais absurdo e o mais inexorável" (4). O homem deve assumir todas as consequências e responsabilidades de um ato cometido, mesmo se, por outro lado, esse ato lhe causa horror. Quer dizer, o homem deve agir, a fim de que seus atos mudem as consequências dos atos precedentes, mesmo se o preço é uma ação horrível.

2. ANGÚSTIA E NÁUSEA

O que representa para a condição humana o fato de sua liberdade? Condenado a ser livre, o homem carrega nos ombros o peso do mundo inteiro. Ele é responsável pelo mundo e por si mesmo, já que é o conjunto das escolhas pessoais que faz o mundo. Essa responsabilidade é esmagadora, se bem que cada um sempre esteja à altura do que lhe acontece. "Na situação de homem, o que acontece a um homem através de outros homens e dele mesmo, não pode ser senão humano". (*L'Être et le Néant* p. 612). O desumano é uma atitude de fuga provocada pelo medo. "Nessas condições, já que todo acontecimento do mundo só pode me ser revelado como ocasião (ocasião aproveitada, perdida, negligenciada, etc.) (idem p. 615), o "para-si" é possuído pela angústia que, na maioria das vezes, evitamos com a má fé.

A angústia seria pois esse sentimento de responsabilidade do homem que se engaja no momento em que ele se pergunta o que aconteceria se todo o mundo fizesse a mesma escolha que ele. "Quem prova que eu sou realmente designado para impor a minha concepção de homem e meu direito à humanidade? Jamais encontrarei nenhuma prova ou sinal que me convença disso" (*L'Existentialisme*

(3) VERSTRAETEN, Pierre. *Violence et éthique*, esquisse d'une critique de la morale dialectique à partir du théâtre politique de Sartre. Coll. Essais CLXV Mayenne NRF, Gallimard 1972.

(4) SARTRE, Jean-Paul. *Un théâtre de situations*. Textes choisis et présentés par M. Rybalka e M. Contat, Coll. Idées, St-Amand, Gallimard, 1973, p. 247.

est un Humanisme, pp. 30 e 31). Não existe o absoluto nem no bem nem no mal, e se eu decido sobre um ato que vai matar uma pessoa, eu mesmo decido que ele é bom mais que mau.

Quer dizer que todo homem deve agir como se a humanidade só esperasse os seus atos para se alinhar segundo o que ele faz. Se não se questiona sobre esse assunto, ele mascara a angústia, essa angústia que descreve o existencialismo. Ela faz parte da ação da qual é a própria condição, pelo fato de a possibilidade escolhida só tornar-se importante justamente porque foi escolhida. A maioria dos homens, numa típica atitude de má fé, esconde sua angústia transformando-se em vítima. Prefere alienar sua liberdade a viver angustiado.

É a má fé que liga estreitamente os conceitos existencialistas de angústia e de náusea.

A náusea existencial é o nojo do mundo, quando o mundo engole o "em-si" — a consciência, a personalidade. Ela é o meio de reagir contra a má fé, e faz-se necessário, antes de prosseguirmos, tentar defini-la.

Para citar o próprio Sartre, "é uma certa arte de formar conceitos contraditórios, quer dizer que contêm dentro deles uma idéia e a negação dessa idéia. O conceito de base assim engendrado utiliza a dupla propriedade do ser humano, de ser uma facticidade e uma transcendência". (*L'Être et le Néant*) Uma outra atitude de má fé seria a de se esconder atrás do olhar de outrem, a de fazer sua a solução que outrem considera a melhor. A má fé, pois, apõe-se à sinceridade.

A náusea, que ele provoca, só foi um tema no primeiro romance de Sartre, que leva esse nome, e no início dos *Caminhos da Liberdade*. É bem mais cômodo pensar e agir como todo mundo em vez de agir de maneira a mudar o modo de pensar generalizado. Sartre, nesses livros, trata da náusea que provocam as pessoas que agem e pensam as mesmas coisas, nas mesmas horas. No teatro, o que era um tema tornou-se uma imagem. A náusea é uma característica sartreana até o fim, através de um vocabulário sui-generis que a exprime (5)

Angústia, má fé e náusea estão, pois, fatalmente, estreitamente ligadas umas às outras. O homem angustiado pelas responsabilidades da escolha se refugia numa atitude de má fé que provoca a náusea.

3. EU E OS OUTROS

A terceira parte do *L'Être et le Néant*, quase um terço da obra, é dedicada ao "para-outro". De fato, ninguém está só no mundo, a "realidade humana" não é una. O outro também é "para-si". Sentimos imediatamente a sua presença, mas, como reagimos a ela?

(5) O termo "viscoso" é o anti-valor de que Sartre tem horror ao qual dedica uma longa análise no *L'Être et le Néant*, obra onde aparece como "aderência mole".

Contrariamente às relações que noto entre os diversos objetos de meu universo, outrem é subjetividade — inatingível para mim — que revela e a liberdade dele e a minha. Se eu me comporto em função dessa subjetividade, tentando não somente alcançá-la mas objetivá-la, meus comportamentos serão “insucessos” — de amor, de ódio ou de indiferença. Mesmo morto ainda não estarei livre de outrem.

“No momento da morte nós *somos*, quer dizer que estamos sem defesa diante do julgamento de outrem, pode-se decidir de *verdade* sobre o que somos, não temos mais nenhuma chance de escapar ao total que uma inteligência com conhecimento de causa poderia fazer”. (*L'Être et le Néant*, p. 153).

Entre os seres vivos não se trata, “de maneira nenhuma de relações unilaterais com um objeto-em-si, mas de relações recíprocas e moventes. Enquanto eu tento me liberar do jugo de outrem, outrem procura me escravizar. As relações com outrem devem pois ser consideradas na perspectiva do *conflito*” (*L'Être et le Néant*, p. 413). Com efeito, todo ato feito contra outrem pode, por princípio — pode-se estar “com o outro ou nós” — para outrem, ser um instrumento do qual ele se servirá contra mim. Todas as minhas possibilidades são, por esse motivo, ambivalentes. “Outrem é a morte escondida das minhas possibilidades na medida em que eu vivo essa morte como escondida no meio do mundo. Assim sendo, no abalo brusco que me agita quando eu percebo o olhar do outro, existe o tato de, repentinamente, eu viver uma alienação sutil de todas as minhas possibilidades que estão ordenadas, longe de mim, no meio do mundo, com os objetos do mundo” (p.311).

Sartre escreveu uma peça de teatro para ilustrar essa terceira parte do *L'Être et le Néant*, e em particular o seu capítulo III: “As relações concretas com outrem”. Trata-se de *Huis Clos*, peça do século XX mais representada no mundo inteiro, já traduzida também em português. Toda a obra literária de Sartre é a aplicação prática de sua filosofia, mas *Huis Clos* é o exemplo que melhor ilustra as interpretações tendenciosas da crítica que julgou o existencialismo.

Em *Huis Clos*, peça em um ato, vemo-nos diante de uma situação que mostra esse relacionamento com os outros, seja ele de ordem moral, sexual, ou intelectual. Sartre escolheu o trio para ilustrar a natureza conflituosa da comunhão com outrem, já que essa é, a seu ver, a forma mais impossível das relações sociais. Por outro lado, a co-habitação torna impossível a indiferença, a gente vê-se obrigado a levar em consideração a presença do outro, como o prova a tentativa dos três seqüestrados de *Huis Clos* de não se falarem. (Para Sartre a linguagem é, aliás, junto com o amor e o masoquismo, a primeira atitude vis à vis de outrem). É dessa peça a famosa réplica: “O inferno são os outros”, freqüentemente tão mal interpretada. Com efeito, não é uma fórmula que traduziria uma constante no relacionamento entre as pessoas. Os outros não são fatalmente infernais. É em 1965 (*Huis Clos* foi levada ao palco em 1943) quando gravou a peça, que Sartre se explica a esse respeito na introdução que precede o texto gravado. Se faz absoluta questão de esclarecer o mal-entendido, é que a interpretação que lhe foi dada atribui ao autor um pessimismo que não tem.

"Eu quero dizer que se as relações com outrem são torcidas, vividas, então o outro só pode ser o Inferno. Por quê? Porque os outros são, no fundo o que há de mais importante em nós mesmos para o nosso conhecimento de nós-mesmos." (Nota (4), p. 238).

É de crer que Sartre não se enganou, pois o interesse que despertou a peça lhe assegurou um sucesso ao mesmo tempo imediato e durável. Ela deu várias vezes a volta à França, em 1947 recebeu nos EEUU o prêmio de melhor peça estrangeira, teve numerosas traduções e continua, como já foi dito, a peça mais representada no mundo inteiro.

4. A AÇÃO

"Agir é modificar a figura do mundo, é dispor dos meios visando um fim, é produzir um complexo instrumental e organizado tal que ele produza um resultado previsto." (*L'Être et le Néant*, p. 487).

Essa é a ação tal como Sartre a define em sua obra filosófica. É importante dizer ainda que a ação é, em princípio, intencional, o que não quer dizer "que se deva prever todos as conseqüências de seu ato." Para poder falar de ação é éntretanto necessário chegar a uma adequação entre resultado e intenção. O móbil da ação, por outro lado, nunca é a rudeza de uma situação. É só quando alguém concebe um outro estado de coisas, vê a possibilidade de uma vida melhor, que a sua torna-se insuportável. Normalmente, *sofrer, para um operário, faz parte do seu ser*. Ele deve superar esse "sofrimento natural" a fim de ter a possibilidade de escolher, se for o caso, mudar esse estado de coisas. Porque "a condição indispensável e fundamental de toda ação é a liberdade do ser que age", (p. 496) enquanto que seu sucesso está baseado numa organização complexa: "motivo — intenção — ato — finalidade" (p. 491). Isso quer dizer que, mesmo se é impossível encontrar um ato sem móbil (ou motivo), "não se deve concluir que o móbil é causa do ato: é parte integrante dele" (p. 492).

Já dissemos anteriormente que toda liberdade — e em conseqüência toda ação deve ser engajada. Mas quando se fala de ação, não é suficiente uni-la a um engajamento. Toda ação pressupõe uma práxis: o comportamento na moral, a conduta por assim dizer (6). Simplificando, práxis é antes de mais nada o que *faz* cada indivíduo na medida em que "agir é ultrapassar uma contradição" (7). Assim, a práxis *faz ser*: ela revela o ser de cada um. É fazendo que o indivíduo se faz ser. O homem, pois, para ser, deve se criar incessantemente através de sua vida e de seus atos. É nesse sentido que a essência precede a existência. É pelo FAZER que o homem chega ao SER.

-
- (6) No sentido lato, práxis é tudo o que tende em direção da conduta, do comportamento. Num sentido restrito é muito simplesmente um projeto, uma idéia.
 - (7) Enquanto que na teoria marxista práxis-prática se opõe à teoria na medida em que as duas devem se conciliar.

No relacionamento entre indivíduos, a práxis de um reconhece a do outro. É pelo que o outro faz que reconheço o que ele é. O homem não é só e junta-se aos outros. Não pode tornar-se sujeito ativo (ser plenamente) senão unindo-se a outros. O grupo se constitui quando um conjunto de indivíduos se une numa práxis comum. A práxis de grupo é consciente e livre, como a práxis individual. Ela foge à dispersão e faz ressurgir a liberdade, uma liberdade dessa vez comum a um grupo.

Quando falamos de liberdade, mencionamos o ato de Oreste e o do revolucionário de *Les Mains Sales*. Não se pode, efetivamente, conceber um sem a outra, já que sem liberdade a ação é impossível. Como foi dito, no fim da peça (*Les Mouches*) somos incapazes de dizer se Oreste conseguiu realmente livrar o povo de Argos do remorso que pesava sobre ela. Só lhes mostrou a possibilidade de ser livres. Ele não era NÓS, estava com as gentes de Argos. Não se trata aqui de uma práxis comum, mas de um projeto individual. Como conseqüência a liberdade dos habitantes de Argos está por ser adquirida depois que Oreste vai embora.

Opondo sistematicamente moral e práxis (o ser e o fazer) Sartre sempre insistiu na importância dessa contra a superficialidade daquela. Para tornar mais concreta essa afirmação podemos citar os dois personagens de *Les Mains Sales*: de um lado o militante inteiramente preocupado com os seus objetivos, e do outro o revolucionário que entra numa luta comum para fugir às origens burguesas. Poderíamos multiplicar várias vezes esse tipo de exemplo na obra de Sartre.

Tal oposição permite-nos, aliás, definir desde já a concepção sartreana (ou existencialista, se quisermos considerar essa etiqueta, posterior à criação da obra) de engajamento.

Considerando que a práxis se define por seus objetivos, que é um projeto com fins absolutamente precisos, pode-se afirmar que o revolucionário não estava verdadeiramente engajado, já que não perseguia o objetivo da práxis de grupo. O objetivo do grupo era suprimir a ameaça que representava o militante com uma política inoportuna. O militante sim, estava engajado, o objetivo exato de sua luta sendo uma mudança precisa da política social.

CONCLUSÃO

Não era nossa intenção, nem seria possível, resumir em 10 páginas os princípios filosóficos contidos nas 692 páginas do *Ser e o nada*. Já é bastante se conseguimos sanar algumas dúvidas que nos pareceram latentes.

Cabe dizer ainda, que nem em todos os pontos Sartre conservou o radicalismo de sua obra filosófica, a qual, com a ajuda de outros escritos do autor, tentamos apresentar didaticamente. Sartre mudou mais tarde sua concepção de liberdade. Se no início ele estava convencido de que em todos os lugares e circunstâncias o homem sempre pode escolher entre ser ou não traidor, reconheceu mais tarde que a escolha nem sempre é possível. Como ser pacifista quando a guerra está aí? A própria noção de engajamento evoluiu. Apareceram personagens que aceitaram a disciplina de uma guerra sem renunciar à subjetividade: sou contra as guerras,

mas estou vivendo uma delas e devo ser a favor ou contra. A própria vida de Sartre, suas atitudes diante da História, testemunharam dessa evolução.

Há contradições, claro. Pregou o terrorismo, afirmando que os meios justificam os fins, mas nunca passou às armas. Exprimiu várias vezes um pessimismo em relação ao gênero humano, provocado pelo má fé dos homens. Mas apesar do desespero de se ver obrigado a agir sem esperanças — só se pode contar realmente com o que depende de nossa própria vontade — Sartre tem a certeza de se poder dar um sentido à vida. Acreditou nos homens.

Uma verdade que não mudou, no pensamento desse autor, em toda sua carreira filosófico-literária, bem como em sua atuação político-social, é que o homem não só pode mas deve agir sobre os grupos que o condicionam, nem que seja para defender sua privacidade. Resumindo: é preciso reagir contra a passividade, mesmo se é para entrar num beco sem saída.